

1.

Para fugir à lamechice, de que o Abelaira não gostaria, estou quase certa (mas não completamente), pensei que o melhor seria, para falar dele, sem falar dele propriamente, ir buscar apenas o último livro que saiu com o nome dele e que menos gente conhece:

NEM SÓ MAS TAMBÉM.

Fazendo assim, seria **NEM/não SÓ** a «amiga de serviço» **MAS TAMBÉM** uma pessoa útil. Isto, sem esquecer nunca que o título deste livro poderia ser – é o narrador que o diz, portanto é mentira – **TÍTULO QUALQUER SERVE**, se Irene Lisboa, a mulher da «solidão» d«esta cidade» (que já houve), e que só em parte é a do Abelaira, não o tivesse «tomado» antes. Isto escreve, digamos, o «narrador».

NEM/não SÓ porque o livro é dele, **MAS TAMBÉM** porque, acabado ou por acabar, definitivo ou em versão de passagem, dele ou de mais gente, está lá tudo o que interessa, ou o que me interessa a mim, ou o que sempre nele me interessou, e que não se encontrará noutro autor, pelo menos daquela maneira. Corrigido e ampliado. Como ficou impresso há 3 anos e meio. E que só agora li.

Falar deste livro aqui (ou ler o que consegui escrever) é, para mim, parte de uma batalha, se calhar pequenina (ele nunca diria «pequenina»...). Uma batalha que nos juntou: contra os lugares comuns, as frases feitas, o que já se sabe (e por já se saber não interessa, e se não interessa está «errado»). Batalha contra as certezas.

Portanto, contra os vários tipos de acomodação, e também a acomodação ao mercado, que ocupam bastante as vidas – as alheias e as nossas.

O regresso aos romances do século XIX, à «história», de preferência «histórica», linear, que vende. Este é só um exemplo de acomodação, o mais simples. Acrescentarei, antes de passar à frente: aos cargos nas instituições (e a família também é uma), às vidas partidárias e universitárias, etc., etc., etc. E também ao valor inquestionável do «trabalho»...

No Abelaira não há disso.

«Espírito crítico» (talvez ele traduzisse assim) antes de tudo o mais. Decalcando (um bocado ao contrário) o estafado «De la musique avant toute chose» (o que para ele não era verdade), que continua assim: «et pour cela préfère l'impair».

Se me deixasse embalar, um bocadinho ao jeito dele, do «impair» poderia sair o discurso todo. «**Ímpar**» nos vários sentidos da palavra, transportado da citação para a vida como ele costuma fazer (e porque não numa *t-shirt* com estes versos escritos?). Associando, por semelhança ou por oposição, saltando. «**Ímpar**» que quer dizer «sem par» (como a obra dele é) levaria naturalmente aos «**números**» (de que ele se ocupa quando são científicos e grandes, como os milhões, contagens que vêm de antes da pré-história), aos «**números ímpares**», e portanto também aos «**números pares**». E lá estaríamos no assunto central, mais visível e permanente, que são os «**pares**», os casais, de uma conversa ou de toda a vida (ou de uma conversa nunca tida), casados, descasados (ou por casar ou acasalar), logo com um terceiro pelo meio, e o número passa a «**ímpar**», e logo com um quarto, para atralhar e para outra vez voltarmos aos números «**pares**», trocando-nos sempre as voltas, que é para isso que se escreve, mesmo se (ou sobretudo se) a «acção» principal é falar, que só pode ser **dialogar**.

Não continuo. Não me atrevo, porque estas seriam aventuras naturais-culturais no Abelaira, mas não em mim. Mais não faria do que tentar imitar o que não é imitável.

Não continuo porque com ele treinei (ia dizer «aprendi», o que seria para ele um erro crasso, parece-me, ainda por cima quando ele nem sequer foi o meu «professor Mendonça», nem tive, parece-me, nenhum semelhante, e, se calhar, também por o ter conhecido a ele), a «vigilância» e a «auto-vigilância». Sobre o que se diz e se escreve. Às vezes, sobre o que se faz. Sempre sobre as palavras que se usam. Entre a palavra e a coisa qual a diferença?

Magnificante, delicioso, objurgatória, poluído, sinistro, sonoro, são palavras em que o «eu» de **NEM SÓ MAS TAMBÉM** encalha por não serem suas, e, mais que todas, **todavia**, a conjunção. Para já não falar nesse **nós**, seguido de «os portugueses» ou coisa assim. Pára, observa, pensa, risca, emenda ou regista a «traição», avança. Palavras com que, por sinal, também embirro. E que, como todas as outras, não são «só» palavras. Parte de uma espécie de «**auto-crítica**» prévia, que dispensa a que vem depois, carregada de uma enorme História, ainda por provar, como todo o resto.

Pode ser tudo mentira. Aliás, entre a Verdade e a Mentira qual a diferença? Dito noutras épocas: entre o Bem e o Mal qual a diferença? Se o que interessa são as **dúvidas** e as **incertezas**, as **hipóteses**, que, essas sim, mudam com os tempos. Mais do que as certezas. Ou o contrário?

2.

Trazer para dentro dos 15 minutos pedidos apenas o **NEM SÓ MAS TAMBÉM** teria outra vantagem: fingiria mais facilmente que não era do Abelaira que estava a falar, mas dum livro, como outros aparecidos no mercado, e, como outros, julgo que sem êxito comercial de maior.

(Falar dos outros livros todos ao mesmo tempo, ou do Autor, seria bem mais difícil.)

E depois, julguei que, pegando só neste livro, publicado depois da sua morte, que ele nunca viu tornado objecto e eu posso ver as vezes que quiser até poder, tudo se tornaria mais fácil e «objectivo» também porque já não foi ele quem mo deu (com a dedicatória da praxe), e eu já não teria nada para a troca (mas isso já não é de agora).

E também julguei que poderia evitar, com esta «escolha» (assunto neste livro), o que me acontece cada vez mais com quase todos os livros dele, com aqueles de que gosto mais, que é estar sempre a ver o Autor, que dificilmente descolo do Narrador, por mais que ele se esforce e que diga que faço mal. E em **NEM SÓ MAS TAMBÉM** o «eu» até tem um bocadinho de biografia explícita discordante. E um sinal particular que não condiz: o nariz torto.

Mas não. Não foi mais fácil. Antes pelo contrário. **Tantos cafés e esplanadas!**

Enquanto leio, vejo o Abelaira sempre nos cafés onde o encontrava, e que não foram todos os da sua vida. Nem da minha. Os «nossos» (de que fomos sendo expulsos, porque foram desaparecendo, como os outros, dando lugar a bancos e a outros negócios, os almoços com toalha, por exemplo) eram os cafés da manhã, do «trabalho», não os das tertúlias, que esses eram depois do almoço ou antes do jantar, e que hão-de aparecer mais facilmente em eventuais fotobiografias.

Destes só me lembro do Bocage e do Montecarlo, isso quando, aprendiz de não sei quê, ia com o meu pai visitar uns grupos faladores, onde julgo que o Abelaira era quase sempre o mais novo.

Falo é da Mexicana, do Tamoyo, do Caleidosópio, do Gemini, dum centro comercial do Saldanha de que não sei o nome... Uns durante uns tempos, outros «**semi por acaso**» (assunto do Abelaira) e de passagem. Já não sei se a esplanada da piscina do Campo Grande e uma em Algés, na procura incessante («angustiada», diria eu, mas ele não) dos sítios que restavam, longe ou perto, e onde não estivesse escrito na parede «É proibido estudar». É que havia quem só conseguisse escrever em cafés (assunto, neste livro). E lá teríamos a nossas razões.

Se puséssemos estes lugares por ordem cronológica, talvez os estudiosos pudessem estabelecer os estratos de 50 anos de uma «Lisboa moderna»: do café-pastelaria ao centro comercial.

Se andasse por ali um Autor como ele (mas não andava nem havia), podia parecer-lhe (mas depois não valeria a pena escrever sobre isso) que estávamos os dois na escola: duas carteiras, cada um com seu caderno (na mesa dele lembro-me mais de folhas às vezes furadas que ia guardando num dossier, eu é que tinha mais a mania dos cadernos, que me traziam de França, da Joseph Gibert - assunto neste livro -, e que agora já se podem comprar nas «grandes superfícies»), cada um com a sua esferográfica, a fazer a redacção que não entregaríamos ao professor. Isto depois de cinco minutos sobre as notícias do dia, na brincadeira (lá risos havia...), cinco minutos que roubávamos um ao outro sem muitos remorsos. Não sei se usávamos muito a palavra «esquerda» nestas conversas, mas era disso que se tratava.

Às vezes, mais de cinco minutos, e aí já teríamos de nos desculpar. Até porque nunca seríamos «personagens» um do outro, o que não custa nada a perceber. E, portanto, era tempo desperdiçado. Cada um tinha na cabeça a sua obsessão.

Não trago para aqui memórias de vidas inteiras. Mas de fatias. Fatias de vidas. E de uma cidade.

Estas aqui acabaram quando me refugiei na parte «histórica» de Lisboa, como se fosse para o estrangeiro, não desistindo ele da cidade «moderna», que ia tendo as suas idades. E quando desisti de tentar meter o tempo que corre em cadernos – e ele não desistiu, é claro.

NEM SÓ MAS TAMBÉM é isso mesmo: um romance da não desistência. O título que o diga. A não desistência da dúvida. Numa «manta de retalhados», escreve o narrador.

E lá estão os **objectos** todos da vida e dos encontros que conheço.

Os mesmos objectos, sem faltar nenhum. Na fila da frente, o jornal, o livro, o caderno, como se não fosse preciso mais nada. Mas é. Por isso, na segunda fila: o cigarro, a chávena, o pacote de açúcar, o isqueiro. E na terceira fila, umas pessoas mais longe, que estão lá para serem observadas e entrarem na escrita. Na quarta fila, umas outras pessoas, que se aproximam e às vezes se sentam às nossas mesas, e com isso já nascem inventadas.

Tudo numa geografia (para nós) bem vulgar e que não mudou neste último livro, antes ficou mais nítida: mesa, cadeiras, mais um automóvel a uns metros e dentro da cabeça (lembro-me sempre do Volkswagen); mais uma sessão de cinema, um bocadinho mais longe ainda, e dentro da cabeça também. E um telefone em casa.

E a banda sonora. O som dos pedidos nas suas variantes: um café, mais um café, um cafezinho (diz o outro, mas não «nós»). Mais o som da delicadeza: se faz favor, podia-me trazer, e por aí fora.

A lista destes objectos não é imensa. Mesmo que se acrescentem os nomes próprios (as palavras não são objectos?), para mim sempre tão estranhos, mesmo que conheça muita gente que se chama assim: Adriana, Júlia, Mafalda, Antero, Berta, Sérgio, Hermínia, Henrique, Abel, Filipa, Frederico, Elisa... e até ao fim vão aparecendo nomes novos... Os mais velhos (tirando o professor Mendonça) do tempo do MUD Juvenil.

Cafés e esplanadas. Uma geografia do «ócio», que não será igual para toda a gente, mas há gente para quem é. Incluo-me nela.

Há os **jornais** que se lêem ou folheiam no café, adereço do disfarce. A acção (não sei se principal, mas talvez) é matar (ele diz «preencher», que é o mesmo) o tempo de espera enquanto se espera já não a revolução mas a morte.

Há os **livros** que se levam para o café. E que fazem de BI às vezes, de apresentação, como certos jornais. Coincidências provocadas, fabricadas, uma experiência que muitos têm mas não costumam dizer. Completados pelas **idas ao cinema**, com funções parecidas. E pelo **andar de carro** pela cidade. Encontros e desencontros.

Há os **cadernos** que produzem eles a escrita e regulam a dimensão das histórias. Servem para serem preenchidos e tudo (ou quase tudo – aí o «quase»!) depende do seu tamanho.

Há o **assunto**: a escrita, o caminho que fazem as ideias, as memórias, as imaginações – tudo dentro da cabeça e a esferográfica regista como pode. Antes ou depois da conversa. E essa escrita sai – a fingir que não terá emendas – com os **pormenores ao centro** e as ideias centrais, «de fundo», as que se encontram nos manuais, nas enciclopédias, nos livros de filosofia, de história, de antropologia, de linguística e também na pintura (de alguns) e na música (de poucos), as notícias, os factos, os acontecimentos, a sociedade, **tudo isso sempre entre parênteses**. Mas está lá.

Portanto, **sucessão de parênteses**, o que talvez todas as vidas (e épocas) sejam.

Portanto, a perseguição do «realismo», diria «hiper» se não fosse assim que se chama a uma escola que não é para aqui chamada ...

Portanto, a luta sem tréguas entre a invenção, a verosimilhança, a verdade, a mentira, que vão mudando de campo e de aliados, como nalguns jogos acontece. E nas nossas vidas, e nas escritas também. Anjos, arcanjos com asas, espadas. Com mais ou menos regras.

Parênteses. Como foram o pouco que «fiz» (ao contrário dele, eu tinha a mania do «fazer») com o Abelaira (ia dizer ao Abelaira...) durante uns anos que ainda foram bastantes. Registo três:

Uma entrevista na Crítica, com o Salgado de Matos, que fala de Gide e de António Sérgio, e que termina assim: «Sem a leitura de Dostoievsky certamente nunca me lembraria de escrever romances.» 1971.

Uma sociedade comercial, uma editora, chamada «Armazém das Letras» (parece-me que foi ele que encontrou o nome, longas sessões), também com o Salgado de Matos e o Serras Gago, em que quer o Abelaira quer eu fizemos pouca coisa. 1978.

Um colaboração na Abril em Maio, de que ele sentiu na obrigação de ser sócio. (antes também já tinha havido a Caixa Económica Operária). Digo assim porque, ao contrário de mim, ele não era lá muito «associativo»... E lá teria as suas razões.

Recordo-me, numa conversa ao ar livre, um ‘colóquio» da Abril em Maio, em pleno Largo da Graça, à frente da Escola-Oficina nº1, numa feira, com muito barulho de eléctricos, o turístico 28, de uma «confissão»: se não tivessem aparecido os computadores, teria deixado de escrever romances. Já não tinha paciência para passar à máquina, e voltar a passar, os originais, sempre que fazia emendas... 1997.

E sei lá, digo eu agora, se, com a facilidade do «cortar-colar», este livro, de um dia para o outro, não apareceria noutra ordem, com outra «estrutura» talvez... sei lá se mais parecido com o que «devia ser»...

Também muitas vezes me vem à memória um outro parêntesis, um pedaço desses cinco minutos antes de atacarmos os exercícios de redacção: uma espécie de «arrependimento» de ter passado a «profissional da escrita», porque, pelo meio do «ócio», as personagens e as histórias tinham deixado de estar ali à mão, como quando era professor e tinha uma «obrigação». Admito ter inventado... Mas acho que não.

3.

O que eu me propus trazer para aqui era **só** o **NEM SÓ MAS TAMBÉM**. Mesmo escrevendo, perdi-me um bocado. Não queria que quem ainda não o leu ficasse com a ideia de que só há nele o que já havia nos livros anteriores. Se fosse assim, ele não o teria escrito.

Aqui, não sei se o Narrador se o Autor troca-nos ainda mais as voltas e tira-nos muito mais vezes o tapete. De muitas mais maneiras. De todas as maneiras, arrisco-me a dizer. E eu gosto disso.

Libelo contra a «omnisciência» de quem escreve romances, mais «omnisciente» não pode ser quem escreve isto, mais «omnisciência» não pode haver. Até o que acontecerá depois ao caderno, e portanto ao livro inevitável, está previsto na «ficção», com as distâncias que tem de haver, previstas também, entre a literatura e a vida.

Com aquela quase certeza que se fabrica primeiro na escrita o que acontecerá depois na vida, e não o contrário, como é costume termos na cabeça.

A aposta na «**manta de retalhos**» é mais nova do que pode parecer e não é um exercício de preguiça. Decorre dessa perseguição obstinada da «realidade». Retalhos minúsculos e retalhos grandes, como são os retalhos das mantas. Retalhos de fazenda e retalhos de seda. E há outros.

Discursos compactos em que não é preciso mudar de linha para pôr as personagens a falar, contra a mentira gráfica do discurso directo. Não é dentro da cabeça do autor que as personagens falam? Mas quando se poderia julgar que ia ser assim até ao fim, aparecem os diálogos como sempre os fez (e se fez). E a gente descansa.

E se alguém se lembrasse de começar a ler o livro, lá para diante, no enigma dos «papagaios» e outro alguém não tivesse ido além do enigma Matilde-Aurélio (tudo pretextos), haviam de assegurar os dois, à mesa dum café (que já não há), que eram dois livros diferentes que teriam lido, ou que andariam a ler.

E há **dois pormenores** (eu gosto muito de pormenores, só gosto de pormenores) que são mesmo «novidades».

Um da civilização «moderna», e portanto da moda: as *t-shirts* com frases escritas, tantas e tais, que chegam a entrar na «conversa» – e o «conversar» é a acção principal deste romance.

Outro da civilização «extinta», do trabalho oficial: o amolador, que interrompe o curso da observação, da atenção, adiando a fabricação da escrita. E fico sem saber (e é disso que gosto) se ele vem numa rua qualquer a que o Abelaira deu atenção ou de *Minuit* do Julien Green, por exemplo, o que é pouco provável. Mas em *Minuit* também está escrito: «As perguntas a que se responde com sim ou não, raramente são interessantes.»

Dos papagaios não falo. Se não, não sairíamos mais daqui.

4.

Acabei de ler NEM SÓ MAS TAMBÉM num café de Santa Apolónia onde o Abelaira, julgo eu, nunca entraria. Até porque não encontraria lá as suas personagens. Depois meti-me num autocarro para uma espécie de manif. contra o encerramento da Ginjinha onde, julgo eu, o Abelaira nunca na vida poria os pés. Usei o Sete Colinas que, julgo eu, já não é do seu tempo. Olhei para tantas caras de tantas cores, daqueles que saem do trabalho (que ainda há) quando já é noite, e pouco «ócio» devem ter, ao contrário do Abelaira, ao contrário de mim. Vinha com o **NEM SÓ MAS TAMBÉM** na cabeça que é para isso que os livros dele servem.

E fui arranjando nele desculpas para a patetice da única frase que me apetecia escrever (é mentira que fosse a única) quando parasse no próximo café (mas não parei em nenhum): «**Acabei de ler NEM SÓ MAS TAMBÉM num café de Santa Apolónia.**» E talvez devesse ter ficado por aqui.

Li **NEM SÓ MAS TAMBÉM** como não é costume, acho que para fazer render o prazer, de uma maneira mais parecida com aquela como foi escrito (ou o narrador diz que andava a escrever): com interrupções, aos bochechos, com desvios de atenção. E já a pensar nesta sessão.

E foi duro lê-lo porque não vai ter continuação. E os livros do Abelaira li-os sempre a pensar que haveria um a seguir, segundo a ordem natural das coisas.

E pus-me a imaginar **indevidamente** o que a seguir poderia vir. Com ou sem amolador, do Julien Green ou de outro, os telemóveis, a vídeo-vigilância, o multibanco, as mensagens, os e-mails, as novas escutas telefónicas, a internet, «adjuvantes» e «opponentes» dessa acção única que é **conversar**, num ócio agora alargado a muitos mais, um ócio que vai mudando de classe.

Em fundo, sempre a Grécia antiga e o que lá vai parar, umas Itália e também umas Grécias, essas das viagens, e a lista inamovível dos «**Maiores**»: Proust, Espinoza, Piero de la Francesca, Mozart, Darwin – esta é a lista reduzida que está à vista na página 201, feita pelo tal narrador.

5. Duas ou três notas para terminar:

Pus o computador a escrever isto, e no fim reparei que tinha usado muito o **condicional**, talvez o modo preferido do Abelaira, e que é portanto preciso, para tentar «entrar nele», o que eu julgava mais simples quando redigi, em tempos, uma entrada sobre ele (que ainda ia no *Bolor*, parece-me) para um Dicionário de Literatura que não terminou, parece-me também.

O que me acontece, o que julgo que me acontece – e a toda a gente que o lê, ou que falava com ele, ou as duas coisas – é pôr-me sem dar por isso a adoptar (prefiro não dizer «copiar») as maneiras que são dele, as atitudes, as posições, os humores e o

humor, as perguntas, que o eu-narrador diz não distinguir das respostas... Com ou sem resultado...

Isto porque o Abelaira é um escritor-escritor. E era uma pessoa-pessoa.
O buraco que ele é agora na minha vida (não serei a única) é diferente de muitos outros buracos, que agora se vão acumulando e juntando, o que é natural na minha idade.

O que vim hoje aqui fazer, com algum custo, não foi falar de literatura. Foi só expor este buraco, como quem expõe uma chaga. Dizem que o ar cura.

Eduarda Dionísio